

PSDB, cabeça e fígado

QUE TIPO DE OPOSIÇÃO FARÁ O PARTIDO À POLÍTICA ECONÔMICA DO GOVERNO ?

Rogério L. Furquim Werneck*

A eleição de Lula e a brusca mudança no discurso econômico do PT deflagraram complexa rearticulação de forças políticas que ainda está longe de ter chegado ao fim. É natural que, no acompanhamento desse processo, o foco se tenha concentrado, num primeiro momento, no que vinha ocorrendo dentro do próprio PT e no âmbito da heterogênea coalizão governista que se formou nos últimos meses. Recentemente, contudo, as mudanças no outro lado da arena política vêm afinal atraindo a atenção da mídia. Um ano após a eleição presidencial, os rangidos da difícil acomodação nos partidos de oposição já não podem ser dissimulados. São desdobramentos que devem ser acompanhados de perto. Poderão ter grande influência na evolução do debate econômico no País nos próximos anos.

Entre os partidos que vêm resistindo à cooptação do Planalto e tentando estabelecer bases mais sólidas para travar o combate político com o governo, o que está fadado a enfrentar a transição mais difícil é o PSDB. Há meses, o partido parece mergulhado no que, no mundo anglo-saxão, seria rotulado de *soul-searching*. Uma reflexão profunda sobre suas motivações, convicções e atitudes. Um esforço para o qual os tucanos parecem, em princípio, especialmente bem dotados, tendo em vista a envergadura de algumas lideranças. A dúvida é se, ao cabo dessa reflexão, o partido terá conseguido abandonar ressentimentos e fantasmas do passado, de forma a fazer oposição olhando para frente, e não para trás.

Não se vai muito longe no entendimento das dificuldades do PSDB sem se reconhecer que a sigla abriga correntes com idéias econômicas muito divergentes e com percepções bem distintas da real situação agora enfrentada pelo partido. Um fiel liderado de FHC, por exemplo, diria que o PSDB, vendo-se na inusitada posição de ter de disputar parte de suas melhores bandeiras com o PT, deveria tirar disso o melhor proveito político possível. Mas há no partido quem discorde dessa avaliação e esteja pronto a confessar que nunca achou a menor graça em muitas das bandeiras que o PT vem tentando arrebatar. Há até quem se mostre disposto a continuar prognosticando que a política macroeconômica herdada pelo governo Lula continua sendo caminho certo para o desastre. É preciso ter em conta que, a membros do partido que chegaram a se preparar para ruidosa comemoração do enterro do “fernando-malanismo”, o que mais incomoda não é tanto que o novo governo tenha insistido na política macroeconômica que vinha sendo adotada por FHC, mas que essa insistência venha tendo resultados que estão bem longe de configurar o desastre tão agourado.

Vozes mais ponderadas no partido argüem que o PSDB tem de superar ressentimentos, olhar para frente e saber explorar os incontáveis pontos fracos do novo governo. Mas

há quem prefira acertar contas com o passado e não consiga imaginar melhor agenda do que mover luta cega e sem tréguas a dr. Palocci e sua equipe, percebidos como meros sucessores de Cardoso, Malan & Cia.. Na obsessão de persistir na sua pequena guerra santa, essa corrente se mostra disposta até a renegar por completo, se necessário for, o longo período de 10 anos durante o qual o partido, por meio de sua figura mais eminente, manteve estrito controle sobre a política econômica no País. Será lamentável, para o PSDB e para o Brasil, se tal corrente acabar prevalecendo no partido de FHC.

Talvez valha aqui ter clareza sobre uma distinção importante. Seria despropositado e pouco natural que, como partido de oposição, o PSDB se privasse da possibilidade de criticar a política macroeconômica do governo. É mais do que saudável que o faça. Por exemplo, acusar o governo de não estar explorando os limites do possível na sintonia da política monetária ou de não estar aproveitando tanto quanto deveria a oportunidade de acumular reservas internacionais é perfeitamente legítimo. Sejam tais críticas fundamentadas ou não. O que não é legítimo nem respeitável é desqualificar por completo a política macroeconômica em vigor, não reconhecer nela qualquer mérito e alardear que o que vem sendo feito nessa área está arrastando o País para o desastre. Principalmente quando tal desqualificação é feita com ares de quem tem a chave para uma política macroeconômica completamente diferente, com a qual o País teria o céu e a terra num piscar de olhos. Que o PSDB não tem nada remotamente parecido com tal chave é algo que ficou mais do que evidente, mesmo para os mais crédulos, na campanha presidencial do ano passado.

Se o partido acabar permitindo que façam dessa mistificação o carro-chefe da sua oposição ao governo, estará prestando deplorável desserviço ao avanço do debate econômico no País. E estará deslustrando o muito que o PSDB tem a se creditar, no processo de aprimoramento da gestão da política econômica que vem sendo observado no Brasil, desde a primeira metade dos anos 90.

Mas se quiser fazer oposição séria à política econômica do governo, o PSDB terá também a sua disposição, à margem da política de estabilização, vasto leque de questões a merecer críticas severas. Basta ter em mente os descaminhos da reforma tributária, o desmonte das agências reguladoras, os delírios do BNDES, a inseqüência da política fundiária e o experimentalismo amador que vem marcando a ação do governo em muitas áreas. Do setor elétrico ao combate à fome. Há muito a ser explorado por uma oposição competente. Sem mistificações e ressentimentos.

* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.